



OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS/ APÓCRIFOS E A LIDERANÇA FEMININA NA IGREJA

Lidice Meyer Pinto Ribeiro

Resumo

Atualmente a Igreja Cristã possui dez cânones com composição diferente em todo o mundo. A principal diferença entre estes cânones é a presença ou ausência dos livros deuterocanônicos/apócrifos. Tendo estes textos um forte protagonismo feminino questiona-se se a presença e/ou ausência destes livros nos cânones se reflete na posição teológica desenvolvida quanto à liderança feminina pelas igrejas que os adotam e nas que os rejeitam. Para tanto, aborda-se a formação dos cânones, a posição dos pais da Igreja e reformadores e analisa-se o conteúdo destes livros quanto à presença e atuação feminina e as teologias que se formaram a partir deste conteúdo. Conclui-se que o desenvolvimento do cânon bíblico seguiu padrões não apenas dogmáticos, mas também políticos e culturais, resultando na diversidade de cânones existentes, cuja adoção se reflete diretamente a aceitação ou não de liderança feminina nas diversas igrejas cristãs. **Palavras-chave:** Gênero. Cânon. Deuterocanônico. Apócrifo. Liderança Feminina.

THE DEUTEROCANONICAL/APOCRYPHAL BOOKS AND FEMALE LEADERSHIP IN THE CHURCH

ABSTRACT

Currently, the Christian Church has ten canons with different composition throughout the world. The main difference between these

* Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), Pós doutora em Antropologia e História pela Universidade de São Paulo (USP), Pós doutoranda em Estudos de Globalização pela Universidade Aberta de Lisboa, Docente no Programa de Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa, Portugal.



canons is the presence or absence of the deuterocanonical/apocryphal books. As these texts have a strong female protagonism, the question arises whether the presence and/or absence of these books in the canons is reflected in the theological position developed regarding female leadership by the churches that adopt them and those that reject them. To achieve this, the formation of the canons and the position of the Church fathers and reformers are addressed and the content of these books in terms of female presence and action and the theologies that were formed from this content are analyzed. It is concluded that the development of the biblical canon followed not only theological, but also political and cultural patterns, resulting in the diversity of existing canons, whose adoption directly reflects the acceptance or not of female leadership in the various Christian churches.

Keywords: Gender. Canon. Deuterocanonical. Apocryphal. Female Leadership.

LOS LIBROS DEUTEROCANÓNICOS/APÓCRIFOS Y EL LIDERAZGO FEMENINO EN LA IGLESIA

RESUMEN

Actualmente la Iglesia cristiana cuenta con diez cánones con diferente composición a lo largo del mundo. La principal diferencia entre estos cánones es la presencia o ausencia de libros deuterocanónicos/apócrifos. Al tener estos textos un fuerte protagonismo femenino, surge la pregunta de si la presencia y/o ausencia de estos libros en los cánones se refleja en la posición teológica desarrollada respecto del liderazgo femenino por parte de las iglesias que los adoptan y aquellas que los rechazan. Para ello se aborda la formación de los cánones, se analiza la posición de los padres y reformadores de la Iglesia y se analiza el contenido de estos libros en términos de la presencia y acción de las mujeres y las teologías que se formaron a partir de este contenido. Se concluye que el desarrollo del canon bíblico siguió patrones no sólo dogmáticos, sino también políticos y culturales, dando como resultado la diversidad de cánones existentes, cuya adopción refleja directamente la aceptación o no del liderazgo femenino en las diversas iglesias cristianas.

Palabras clave: Género. Canon. Deuterocanónico. Apócrifo. Liderazgo femenino.



INTRODUÇÃO

No período entre o século II aEC e o segundo século da era cristã o judaísmo produziu uma imensa literatura que circulava tanto entre as comunidades judaicas como nas primeiras igrejas cristãs, sendo fonte de teologia e vida destes grupos. Estes textos, produzidos no período intertestamentário trazem um testemunho do pensamento judaico pós-exílio e de resistência ao domínio estrangeiro e, sobretudo, ao Helenismo. Christiane SAULNIER (2011, p.7-8) agrupa os textos produzidos neste período em três gêneros: Apocalíptico, Sapiencial e Nacionalista. Em um estudo sobre cinquenta textos apocalípticos judaicos e cristãos produzidos do século II aEC ao século IV EC, destacou-se a presença de figuras femininas em trinta e um destes (Lidice RIBEIRO, 2023). Da mesma forma, percebe-se que em quinze dos dezoito textos, entre nacionalistas e sapienciais, escritos no período intertestamentário, podemos encontrar personagens femininas nomeadas, anônimas ou representativas. Com exceção de Ben Sira ou Eclesiástico e da Epístola de Jeremias, todos estes textos trazem uma visão positiva da liderança feminina com forte protagonismo na preservação da identidade israelita e na vitória contra povos inimigos.

Dos textos apocalípticos judaicos e cristãos escritos entre os séculos II aEC e II EC, apenas dois entraram na composição do cânon Bíblico, sendo estes o livro de Daniel, no Antigo Testamento e o livro do Apocalipse de João no Novo Testamento. Todos os demais foram deixados à parte do cânon, sendo classificados pelos Católicos como apócrifos e pelos Protestantes como pseudoepígrafos. Já os dezoito textos sapienciais e nacionalistas escritos no mesmo período foram incluídos na Septuaginta sendo alguns deles reconhecidos como deuterocanônicos pelos Católicos, mas considerados apócrifos pelos Protestantes. Estes dezoito textos são: A oração de Manassés, 3 e 4 Esdras, adições gregas a Ester, Tobite, Judite, 1,2,3 e 4 Macabeus, Salmo 151, Sabedoria, Ben Sira, Baruc, Epístola de Jeremias e acréscimos ao livro de Daniel (Susana, Oração dos três jovens e Bel e o Dragão)¹.

¹ Para os textos dos deuterocanônicos/apócrifos presentes na Bíblia Católica utilizou-se a versão dos Capuchinhos publicada pela Editora Difusora Bíblica. Para os demais textos, utilizou-se a Bíblia New Revised Standard Version e podem ser encontrados em: <https://www.biblegateway.com>



A Septuaginta, traduzida entre o século III A.E.C. e o séc. I E.C. nas comunidades judaicas do Egito, se tornou a Bíblia mediterrânica, primeiro judaica e depois cristã. Por séculos, até que surgir a tradução latina de Jerônimo, a quase totalidade da igreja primitiva a considerou como o seu Antigo Testamento, servindo de base para as citações dos autores do Novo Testamento (André PAUL, 1989, p.40). A Igreja primitiva usava uma variedade de livros sagrados judaicos durante o período de sua formação, pois ainda não havia um cânon fixo no judaísmo nos séculos I e II.

Os cristãos reconheciam os mesmos livros santos que o Judaísmo, mas aqueles que viviam fora da Palestina utilizavam a sua tradução grega ou a Setenta e faziam a leitura de livros como o de Judite, Tobias, Macabeus, Sabedoria, o Eclesiástico..., livros que o Judaísmo fariseu não reconhecia como inspirados. Daí a constituição de dois cânones, duas listas de livros santos. (Americo COSTA apud COUSIN, Hugues, 2005, p.119)

Esta diferença de Cânones persiste até os dias atuais, sendo evidenciada pela presença ou ausência destes dezoito livros, na sua totalidade ou em parte nos dez cânones bíblicos existentes. Enquanto estes textos estão totalmente ausentes da Bíblia Protestante, aparecem de forma variada na Bíblia Católica, nas Bíblias de tradição ortodoxa (grega, eslava e georgiana), na tradição ortodoxa oriental (armênios, sírios, coptas e etíopes) e na tradição ortodoxa assíria. As primeiras edições da Bíblia Protestante mantiveram alguns destes livros, embora colocados à parte, ao final do Novo Testamento como apócrifos. Tendo em vista que estes textos apresentam um forte protagonismo feminino, que se destaca até mesmo pelos títulos de três destes, Judite, Ester e Susana, é extremamente relevante questionarmos se a presença e/ou ausência destes livros nos cânones se reflete na posição teológica desenvolvida quanto à liderança feminina pelas igrejas que os adotam e nas que os rejeitam.

A designação destes dezoito textos é um problema à parte. Para os Católicos são deuterocanônicos, considerados inspirados e normativos, mas incluídos posteriormente junto aos protocanônicos (presentes na



Bíblia Hebraica e na Bíblia Grega). Para os Protestantes, são apócrifos, termo dado pela primeira vez por Jerônimo (séc. V). Encontram-se ainda em diversas literaturas as designações de intertestamentários, pseudocanônicos, não canônicos e pós-bíblicos, mas todas estas possibilidades também deixam margem para confusão quanto ao seu sentido. Optamos aqui por usar o termo composto deuterocanônicos/apócrifos, termo inclusivo utilizado na Bíblia NRSV (New Revised Standard Version)², tradução ecumênica publicada em 1989 pelo Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos.

Neste artigo, vamos perceber como o desenvolvimento do cânon bíblico seguiu padrões não apenas dogmáticos, mas também políticos e culturais, resultando na diversidade de cânones existentes. Sendo a principal diferença entre estes cânones a presença ou ausência dos livros deuterocanônicos/apócrifos, veremos como estes foram considerados pelos judeus, pelos pais da Igreja e pelos pais da Reforma. Analisaremos o conteúdo destes livros quanto à presença e atuação feminina e as teologias que se formaram a partir deste conteúdo. Por fim, traçaremos considerações sobre a aceitação ou não de liderança feminina nas diversas igrejas cristãs e sua relação com o cânon bíblico adotado.

O cânon fluído da igreja primitiva³

Estamos tão acostumados com a ideia de a Bíblia ser um livro ou uma coletânea de livros definida que perdemos a percepção de que nem sempre foi desta forma. Até os séculos III-IV, os textos estavam

² A NRSV é uma tradução para o inglês da Bíblia Sagrada, publicada em 1989 pelo Conselho Nacional de Igrejas, para propósitos devocional, litúrgico e acadêmico. A tradução completa inclui os livros do cânone padrão da versão Protestante, bem como os livros deuterocanônicos, tradicionalmente incluídos nos cânones do Catolicismo Romano e do Cristianismo Ortodoxo.

³ Para aprofundar os Estudos sobre a composição do canon da Igreja Primitiva sugiro as leituras, Helmut Koester. *History and Literature of Early Christianity* (Berlim: De Gruyter, 2000); David M. Carr. *Writings on the Tablet of the Heart: Origins of Scripture and Literature* (New York: Oxford University Press, 2005); David M. Carr. *The Formation of the Hebrew Bible: A New Reconstruction* (New York: Oxford University Press, 2011); Lee Martin McDonald. *The Formation of the Christian Biblical Canon* (Peabody: Hendrickson Pub, 1995); Lee Martin McDonald. *Forgotten Scriptures: The Selection and Rejection of Early Religious Writings* (Louisville: Westminster John Knox Press, 2009); John J. Collins, Craig A. Evans, Lee Martin McDonald. *Ancient Jewish and Christian Scriptures: New Developments in Canon Controversy* (Louisville: Westminster John Knox Press, 2020).



em rolos separados uns dos outros, sem uma ordem estabelecida. Foi só então que os textos começaram a ser organizados em códices, com folhas costuradas, sob uma certa ordem. Até então, os contornos do que a igreja primitiva possuía como Escrituras eram ainda muito fluídos. O tradutor grego do livro Ben Sira escreveu em cerca de 130 aEC que “muitos e excelentes ensinamentos nos foram transmitidos pela Lei, pelos Profetas e por outros escritos que se lhes seguiram”. (Bíblia, Ben Sira, prólogo 1). Dentre estes “outros escritos” supõe-se estar os livros escritos no período intertestamentário. Anos mais tarde, entre 80-90 EC, o autor do evangelho de Lucas no Novo Testamento menciona outra tripartição: a lei de Moisés, os Profetas e os Salmos (Bíblia, Lucas 22.44), limitando os “outros escritos” a Salmos.

Podemos considerar a Septuaginta (séc. III aEC-I EC), tradução dos textos sagrados judaicos para o grego realizada em Alexandria, a primeira tentativa de se organizar os textos em uma ordem sequencial e lógica. Mas, tendo a versão original sido perdida, resta-nos hoje três diferentes códices que, apesar de apresentarem quase os mesmos livros, os mostram em ordens diferentes. O Códice Vaticano (séc. IV) não possui os livros de Macabeus, o Códice Sinaitico (séc. IV) possui apenas 1 e 4 Macabeus enquanto o Códice Alexandrino (séc. V) possui os 4 livros de Macabeus. Apesar destas diferenças, podemos já perceber nestes códices um conteúdo e uma sequência um pouco mais estáveis no cânon bíblico. Os três códices da Septuaginta que chegaram até nossos dias “testemunham a favor da existência, na Igreja grega, de uma coleção grande dos livros bíblicos (inclusive dos deuterocanônicos) e de uma coleção de médio porte (que inclui apenas alguns deuterocanônicos). (Gilles DORIVAL apud COUSIN, Hugues, 2005, p.5)

O fato de se terem encontrado fragmentos de textos da Septuaginta entre os Manuscritos do Mar Morto, incluindo partes dos textos dos deuterocanônicos/apócrifos Epístola de Jeremias, Tobite e Ben Sira, demonstra que estes livros eram também apreciados nas comunidades judaicas, em Qumran inclusive, entre os últimos anos aEC e o primeiro século de nossa era. “No tempo de Cristo havia muitos judeus helenizados residindo em Jerusalém, com sinagogas próprias, onde a versão grega era regularmente utilizada. [...] Helenistas e Hebreus, a Septua-



ginta e o texto original, encontravam-se em Jerusalém sem cismas ou controvérsias⁴.” (William ROBINSON-SMITH, 1901, p.87).

Podemos perceber, portanto, que tanto a versão grega dos textos encontrada na Septuaginta como os textos hebraicos, conviviam harmonicamente entre as comunidades judaicas e cristãs do primeiro século. ROBERTSON-SMITH, pioneiro dos estudos em antropologia bíblica afirmou que

no tempo do Novo Testamento as Bíblias Grega e Hebraica conviviam lado a lado; e homens como os apóstolos, que conheciam ambas as línguas, usaram ambos os textos indiferentemente, e citaram o Antigo Testamento de memória, como Paulo faz frequentemente⁵ (ROBERTSON-SMITH, 1901, p.89)

Da mesma forma, Gilles DORIVAL (2021) enfatiza que a Septuaginta desempenhou um papel muito mais importante na construção da identidade cristã do que normalmente se reconhece, destacando não só o seu uso pelos primeiros cristãos como nas compilações bíblicas bizantinas, feita de extratos patrísticos, as *catenae*, forma literária que prevaleceu em Constantinopla e suas dependências entre os séculos VI e XV.

A Septuaginta, porém, não era uma tradução no sentido que temos hoje. Muitos textos apesentam diferenças e mesmo acréscimos dos escribas. Discorrendo sobre a tradução da Septuaginta, André PAUL defende que esta é “uma verdadeira produção bíblica” pois

...a ‘tradução’ é um a produção literária verdadeiramente nova. Nela se articulam dois níveis: o nível filológico, isto é, o do texto em si mesmo, amiúde ambíguo pelo fato de as palavras hebraicas, não tendo vogais, permitirem muitas vezes várias leituras e também pelo

⁴ “In the time of Christ there were many Hellenistic Jews resident in Jerusalem, with synagogues of their own, where the Greek version was necessarily in regular use. [...] Hellenists and Hebrews, the Septuagint and the original text, met in Jerusalem without schism or controversy.”

⁵ “For in the times of the New Testament the Greek and the Hebrew Bibles were current side by side; and men like the apostles, who knew both languages, used either text indifferently, or even quoted the Old Testament from memory, as Paul often does, with a laxness surprising to the reader who judges by a modern rule, but very natural in the condition of the text we have just characterized.”



fato de qualquer expressão, em qualquer língua, estar disponível para vários sentidos; e, por outro lado, o nível social e cultural. Estes dois níveis articulam-se para produzir uma tradução, cujo valor e ‘verdade’ dependem antes de mais da sua atualização que arrasta consigo um sentido e uma dinâmica. (André PAUL, 1989, p.42)

Os copistas da Septuaginta transcreveram os textos reconhecendo-os como sagrados e zelando pela manutenção de seu significado mais do que por sua forma, sem a preocupação que temos atualmente de manter o texto o mais próximo possível da forma como foi escrito (William ROBERTSON-SMITH, 1901, p.91). Apesar das diferenças observadas nos textos da Bíblia Hebraica, ambas eram aceitas pelos líderes judaicos como inspiradas. Mas o texto da Septuaginta não foi aceito por toda a comunidade judaica da mesma forma, sendo visto pelos fariseus como nefasto (André PAUL, 1989, p.40). A partir do primeiro século de nossa era surgiram tentativas de se corrigir seu texto segundo originais hebraicos da preferência de alguns escribas. Como resultado destes esforços, foram produzidas quatro novas versões do texto em grego. A versão de Teodócio (30-50 EC) foi realizada na Palestina e acabou até por substituir o texto de Daniel na maioria das Bíblias cristãs. Além desta são conhecidas a versão de Áquila de Sinope (c. 100 EC.), discípulo do Rabbi Aqiba, considerada muito literal; a versão de Símaco o Ebionita (c. 170 EC.) e a versão de Luciano de Antioquia (c. 300 EC).

Foi apenas no século VI que surgiu o chamado Texto Massorético, produzido por um grupo de escribas voltado para a preservação dos textos tradicionais (*messorah* em hebraico = tradição). Os massoretas, como ficaram conhecidos, desqualificavam a Septuaginta e buscaram os originais hebraicos mais antigos em prol da compilação de uma Tanakh mais fiel, seguindo um padrão rigoroso na cópia dos textos. Este texto que hoje é conhecido como Bíblia Hebraica, com vinte e quatro livros divididos em três seções (*Torah*/Ensino, *Nevi'im*/Profetas e *Ketuvim*/Escritos), é utilizado como Escritura Sagrada pelo judaísmo moderno e como fonte para a versão da Bíblia Protestante atual⁶. Como os massoretas

⁶ Os vinte e quatro livros da Bíblia Hebraica são subdivididos em trinta e nove nas Bíblias Cristãs, pois na Bíblia Hebraica I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras e Jeremias além dos doze profetas (Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum. Habacuque, Sofonias, Ageu,



consideraram como sagrados apenas os livros escritos até o período da dominação Persa, deixaram de fora de seu cânon bíblico, todos os livros deuterocanônicos/apócrifos, incluindo apenas o livro de Daniel, que apesar de escrito posteriormente, trata sobre o período de domínio persa⁷.

Ao mesmo tempo em que as novas versões da Septuaginta iam surgindo, já havia um movimento para se organizar um cânone cristão a partir do segundo século. O primeiro cânone cristão foi proposto por Marcião de Sinope (c. 140) que excluiu todos os livros do Antigo Testamento e incluiu dez epístolas paulinas e uma versão editada do Evangelho de Lucas. Mas Irineu de Lyon (c.130-202) refutou o evangelho de Marcião (Contra as Heresias, Livro III, Cap.11.7⁸) e afirmou serem canônicos os quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João (Henry BETTENSON, 1998, p.67).

Não havia ainda um consenso sobre quais os livros que circulavam na Igreja primitiva seriam canônicos e quais não. Justino (c.100-c.165) reconhecia como canônicos apenas os livros da Bíblia Hebraica. Melitão de Sardes (†180) excluiu o livro de Ester de sua lista de livros aceitos, como também o fez Orígenes (c. 184–c. 253 d.C.), embora seu cânone incluísse também os Livros deuterocanônicos/apócrifos Epístola de Jeremias e o Livro de Baruc. Atânasio de Alexandria (c. 296-373) considerou vinte e dois livros como parte do Antigo Testamento, excluindo o livro de Ester e incluindo os livros deuterocanônicos/apócrifos de Baruc e a Epístola de Jeremias junto com Jeremias e Lamentações como um só livro⁹. Atanásio também foi o primeiro Pai da Igreja a identificar vinte e sete livros do Novo Testamento que ainda são considerados até hoje como canônicos nas Bíblias cristãs. (ATANÁSIO, 39^a Carta Pascal, parágrafos 4,5¹⁰). Interessante destacar que além dos livros deuterocanô-

Zacarias, Malaquias) aparecem unidos como apenas um livro cada um.

⁷ Ainda existem mais dois cânones judaicos que não seguem o Texto Massorético: o cânon adotado pelos judeus etíopes que inclui os livros deuterocanônicos/apócrifos e o cânon dos judeus samaritanos que inclui apenas os livros da Torah.

⁸ IRINEU. *Against Heresies*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0103311.htm> acesso em 31/08/2023.

⁹ Atanásio também contava como um livro cada: I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, além de Esdras e Neemias.

¹⁰ ATANÁSIO, From Letter XXXIX. Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf204.x xv>.



nicos/apócrifos de Baruc e da Epístola de Jeremias, Atanásio se refere o fato de existirem

“...outros livros além destes que não estão realmente incluídos no Cânon, mas designados pelos Pais [da Igreja] para serem lidos por aqueles que recentemente se juntam a nós e que desejam instrução na palavra da piedade: A Sabedoria de Salomão, Ben Sira, Ester, Judite, Tobite, o que é chamado de Ensino dos Apóstolos [Didaquê] e o Pastor de Hermas.” (ATANÁSIO, 39ª Carta Pascal, parágrafo 7).

Os Pais Ocidentais Hilario de Poitiers (c.315-367), Rufino de Aquiléia (c.345-c.410) e Jeronimo de Estridão (c.342-420)¹¹, por sua vez, defenderam com mais força o cânone reduzido. Apesar disso, curiosamente, Rufino após 397, residindo em Roma, passou a aceitar o cânone alargado que incluía os livros deuterocanônicos/apócrifos. Apesar de Jerônimo ter incluído os livros deuterocanônicos/apócrifos oriundos da Septuaginta na sua tradução da Bíblia para o Latim, a Vulgata, sob solicitação do Papa Dâmaso I, intitulou-os no *Prologus galeatus* de apócrifos. Jerônimo considerava que o cânon devia limitar-se aos livros traduzidos do hebraico, ressaltando que os demais, apócrifos, não deviam ser utilizados para estabelecer doutrinas. Enfatizando a autoridade maior dos textos traduzidos do hebraico, Jerônimo registrou: “Este prefácio deve servir a todos os livros traduzidos do hebraico. Os demais livros são apócrifos. Assim, o chamado Sabedoria de Salomão, o livro de Jesus filho de Sira, Judite, Tobite, e o Pastor [de Hermas] não são canônicos¹².” (JERÔNIMO. *Prologus galeatus* cit. William ROBERTSON-SMITH, 1901, p.29) A Bíblia Vulgata foi a primeira, e por séculos a única, versão da Bíblia que continha a tradução do Velho Testamento diretamente do hebraico e não da Septuaginta e passou a ser a Bíblia oficialmente adotada pela Igreja latina. Suas edições incorporaram os deuterocanônicos/apócrifos

[iii.iii.xxv.html](#) acesso em 31/08/2023.

¹¹ Rufino e Jerônimo estavam sempre acompanhados de Teólogas. Rufino era patrocinado em seus estudos por Melânia, a velha. Em Roma, Jerônimo estava rodeado por um círculo de teólogas e mulheres letradas, incluindo matronas romanas como as viúvas Leia, Marcela e Paula, com suas filhas Blesila e Eustóquia, sendo patrocinado por Paula.

¹² “This prologue may fit all the books which we have translated from Hebrew. Books outside of these are apocryphal. Therefore the so-called Wisdom of Solomon, the book of Jesus son of Sirach, Judith, Tobit, and The Shepherd are not canonical.”



inserindo-os dentro da sequência de livros do Antigo Testamento, tendo ainda a Oração de Manassés e 3 e 4 Esdras publicadas como um anexo, ao fim do Novo Testamento.

Apesar das ressalvas de Jerônimo, a grande maioria dos pais gregos e latinos aceitava naturalmente os livros deuterocanônicos/apócrifos no cânone. Agostinho de Hipona (354-430) defendeu a sua inclusão com base no seu uso apostólico. A defesa de Agostinho de um cânone alargado endossou o que já era consenso no Ocidente e partes do Oriente. E assim, por meio de uma série de decisões eclesiais, o cânone com os livros deuterocanônicos/apócrifos foi sendo gradualmente autorizado e oficializado.

OS DEUTEROCANÔNICOS/APÓCRIFOS NA REFORMA E CONTRA-REFORMA

Apesar da tradução e aceitação da Vulgata como Bíblia oficial da Igreja, foi apenas em 1442, no Concílio de Florença, com a Bula *Cantate Domino* (4/2/1442)¹³, que o cânone bíblico foi enfim definido oficialmente, incluindo no Antigo Testamento os livros de Tobite, Judite, os acréscimos gregos ao livro de Ester, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico ou Ben Sira, Baruc, 1 e 2 Macabeus, os acréscimos de Susana e Bel e o Dragão ao livro de Daniel, e a Epístola de Jeremias ao final do livro de Baruc. O cânone bíblico oficial teria então trinta e nove livros no Antigo Testamento e vinte e sete livros no Novo Testamento.

Durante a Idade Média era comum se encontrar diversas versões da Vulgata em circulação, algumas das quais com os livros de 3 e 4 Esdras, a Oração de Manassés, a Oração de Salomão e 3 Macabeus no Antigo Testamento, além da Harmonia dos Evangelhos de Taciano (o *Diatessaron*) e a Epístola aos Laodicenses no Novo Testamento. A edição da Vulgata publicada em 1455 por Gutenberg, que ficou conhecida como a Bíblia de Gutenberg, por exemplo, contém a Oração de Manassés após os Livros das Crônicas, 3 e 4 Esdras após 2 Esdras (Neemias) e a Oração de Salomão após Ben Sira. Com a invenção da prensa tornou-se possível a impressão de textos numa escala até então desconhecida. Foi

¹³ Disponível em: <https://www.vatican.va/content/eugenius-iv/it/documents/bulla-cantate-domino-4-febr-1442.html> acesso em 31/08/2023.



então que o Cardeal Cisneiros (1436-1517) convidou vários eruditos para realizar uma edição poliglota da Bíblia com textos em paralelo em Hebraico, Latim e Grego: a Bíblia Poliglota Complutense, impressa em 1517 e sancionada pelo Papa Leão X em 1520. A Bíblia Poliglota Complutense trazia o cânone da Septuaginta igual ao cânone da Bíblia Hebraica, sob a rubrica “Tradução Grega da LXX”. Os livros deuterocanônicos/apócrifos receberam o título de “Tradução Grega”, sem nenhuma especificação de sua relação com a Septuaginta.

Com o renascimento e a valorização das fontes autênticas antigas, biblistas como Johannes Reuchlin (1455-1522), Tommaso De Vio/Cardeal Caetano (1469-1534) e Erasmo de Roterdã (1466-1536) passaram a defender a adoção de apenas os livros da Bíblia Hebraica no cânon do Antigo Testamento considerando os deuterocanônicos/apócrifos como desprovidos de autoridade canônica. Em meio a este contexto de busca pelas fontes originais, ocorreu a Reforma Protestante e a publicação em 1534 da Bíblia de Lutero, em alemão contemporâneo.

A Bíblia de Lutero, ao contrário do que muitos podem pensar, não possuía o mesmo conteúdo das bíblias Protestantes de hoje, mas já se organizava de forma diferente da Bíblia Vulgata. Lutero destacou os livros de Judite, Sabedoria, Tobite, Bem Sira, Baruc (incluindo a Epístola de Jeremias), 1 e 2 Macabeus, os acréscimos de Ester e de Daniel, nesta ordem, em uma seção especial intitulada “Apócrifos, que são livros que não são considerados iguais à Sagrada Escritura, mas são uteis e bons para serem lidos¹⁴” (Toni CRAVEN apud MEYERS, Carol, 2000, p.47). Mais tarde, Lutero ainda acrescentou em novas edições da Bíblia a Oração de Manassés, pela qual tinha uma alta estima, como último livro da seção Apócrifos. Por centenas de anos as Bíblias Protestantes alemãs foram impressas com os deuterocanônicos/apócrifos apesar de separados do restante dos textos bíblicos.

Três anos antes, em 1531, já havia sido publicada em Zurique a tradução com prefácio de Ulrico Zuinglio (1484-1581), que também incluía os deuterocanônicos/apócrifos como um anexo final, referindo-se aos

14 “Apocryphal, that is, books which are not held as equal to holy Scripture, yet which are useful and good to read.”



mesmos como “livros da igreja” em contraste com “livros canônicos”. O prefácio da Bíblia de Zurique trazia uma admoestação de que os livros da igreja deviam ser lidos devocionalmente, mas não utilizados para pregação. As demais Bíblias impressas na Suíça seguiram nesta época o mesmo molde da Bíblia de Lutero e da Bíblia de Zuinglio, trazendo, porém os livros deuterocanônicos/apócrifos entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

A Bíblia de Genebra publicada em inglês em 1560 também manteve os livros deuterocanônicos/apócrifos embora separados dos demais livros sob o título de Apócrifos. Em um prefácio atribuído a João Calvino, a primeira edição desta Bíblia declara os apócrifos como “livros profanos” em contraste com os livros da “Escritura Sagrada”, recomendando-os para a leitura devocional e sem valor para a formação doutrinária. Apenas décadas depois, em 1599, a Bíblia de Genebra começou a ser impressa sem os apócrifos, embora nesta edição ainda aparecesse em seu índice. Em 1615, George Abbot, arcebispo de Canterbury, um dos tradutores da versão King New James de 1611, exigiu especificamente que nenhuma Bíblia poderia ser publicada ou vendida sem os deuterocanônicos/apócrifos, sob pena de um ano de cadeia. Apesar disto as versões da Bíblia em inglês publicadas em 1616, 1618, 1620, 1622, 1626, 1627, 1629, 1630, e 1633 já não traziam estes livros. (Toni CRAVEN apud MEYERS, Carol, 2000, p.46)

Por fim, a Confissão de Westminster em 1647 trouxe a declaração de que “Os livros geralmente chamados Apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do cânon da Escritura; não são, portanto, de autoridade na Igreja de Deus, nem de modo algum podem ser aprovados ou empregados senão como escritos humanos.” (Confissão de Westminster, Cap. I, III¹⁵). A partir de então, as Bíblias Protestantes deixaram de trazer qualquer referência aos livros deuterocanônicos/apócrifos. Após gerações usando Bíblias sem estes livros, muitos Protestantes desconhecem hoje o fato de que estes livros já fizeram parte de sua Bíblia.

Realizado como uma reação aos desafios da Reforma Protestante, o Concílio de Trento (1546) declarou o cânone do Antigo Testamento

¹⁵ Disponível em: <https://www.seminariosimonton.com.br/documentos/confissao-de-fe-westminster.pdf> acesso em 05/09/2023.



como tendo trinta e nove livros protocanônicos (Bíblia Hebraica) e sete livros deuterocanônicos, incluindo as adições aos livros de Ester e Daniel, totalizando quarenta e seis livros sagrados. “O Concílio de Trento ao tornar a Vulgata a versão oficial implicou em duas coisas: - (1) que a Vulgata contém todos os livros canônicos em seu texto fiel; e (2) que a tradução, se não perfeita, é isenta de erros que afetem a doutrina¹⁶”. (William ROBERTSON-SMITH, 1901, p.28) Embora fosse um Concílio Ecumênico, Trento não levou em consideração o uso dos textos deuterocanônicos pelas igrejas do Oriente e rejeitou a canonicidade dos livros de 3 e 4 Esdras e a Oração de Manassés, embora estes livros aparecessem em algumas versões da Vulgata e fossem utilizados naquelas igrejas. Por fim, o Concílio de Trento condenou “qualquer que não aceitar esses livros na sua totalidade, com todas as partes, de acordo com o texto comumente lido na Igreja Católica e como estão na antiga Vulgata latina¹⁷.”

Em resposta às determinações do Concílio de Trento, João Calvino acrescentou em uma revisão das Institutas da Religião Cristã a sua contrariedade com a determinação acerca do cânon alargado contendo os deuterocanônicos/apócrifos, usando como base o questionamento de Jerônimo:

Alegam uma lista antiga, que é chamada O Cânon da Escritura, o qual dizem ser oriundo do julgamento da Igreja. Mas, pergunto de novo, em que concílio esse cânon foi promulgado? Aqui se impõe que fiquem calados. Todavia, desejo saber, além disso, de que natureza julgam ser esse cânon, pois vejo que isto desfrutou de reduzido acordo entre os antigos. E se for válido o que diz Jerônimo, os livros dos Macabeus, Tobias, Eclesiástico, entre outros, serão excluídos da ordem dos Apócrifos, o que eles de modo nenhum admitem fazer.

¹⁶ “In making the Vulgate the standard edition, the Concil of Trent implied two things: - (1) that the Vulgate contains all the canonical books in their true text; and (2) that the translation, if not perfect, is exempt from errors affecting doctrine.”

¹⁷ “If anyone does not accept as sacred and canonical the aforesaid books in their entirety and with all their parts, as they have been accustomed to be read in the Catholic Church and as they are contained in the old Latin Vulgate Edition, and knowingly and deliberately rejects the aforesaid traditions, let him be anathema.” THE COUNCIL OF TRENT, Session IV - Celebrated on the eighth day of April, 1546 under Pope Paul III Decree Concerning The Canonical Scriptures. Disponível em: <https://www.ewtn.com/catholicism/library/decree-concerning-the-canonical-scriptures-1494> acesso em 07/09/2023.



(João CALVINO, Institutas IV, IX.4, 2018, p.176)

Estava, desta forma estabelecida a principal diferença entre as Bíblias Católicas, que incluem os deuterocanônicos/apócrifos e as Bíblias Protestantes, que os excluem. Apesar desta dicotomia principal, ainda podemos encontrar mais oito organizações canônicas na Igreja Oriental, como se pode ver na figura 1.

| Livros | Tradição ocidental | | Tradição ortodoxa | | | Tradição ortodoxa oriental | | | | Trad. Ortodoxa Assíria |
|---|--------------------|-------------------|-------------------|---------|------------|----------------------------|--------|--------|---------|------------------------|
| | Protestantes | Católicos Romanos | Gregos | Eslavos | Georgianos | Armênios | Sírios | Coptas | Etíopes | Assírios |
| Oração de Manassés | - | - | X | X | X | X | X | X | X | - |
| 3 Esdras | - | - | X | X | X | X | - | - | X | - |
| 4 Esdras | - | - | - | - | X | X | - | - | X | - |
| Ad. Ester | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Tobite | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Judite | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 1 Macabeus | - | X | X | X | X | X | X | X | - | X |
| 2 Macabeus | - | X | X | X | X | X | X | X | - | X |
| 3 Macabeus | - | - | X | X | X | X | X | - | - | X |
| 4 Macabeus | - | - | - | - | - | | X | - | - | - |
| Sl 151 | - | - | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Sabedoria | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Ben Sira | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Baruc | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Ep. Jeremias | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Ad. Daniel (Oração dos três jovens. Susana, Bel e o Dragão) | - | X | X | X | X | X | X | X | X | X |

Figura 1 – Distribuição dos Livros Deuterocanônicos



nos Cânones Bíblicos atuais (autoria própria).

A PRESENÇA E ATUAÇÃO FEMININA NOS DEUTEROCANÔNICOS/APÓCRIFOS

Quando examinamos o conteúdo dos livros deuterocanônicos/apócrifos, percebemos que estes são importantes testemunhos da devoção judaica pós-exílio. Não há um compromisso dos autores destes textos com uma exatidão histórica ou geográfica de seus relatos. A maioria de suas histórias se situa de forma fictícia em locais associados a crises político-religiosas dos VI e V séculos aEC: a queda de Jerusalém em 586 aEC e o exílio na Babilônia; a diáspora dos judeus no Egito, Babilônia e Assíria; o retorno do exílio em 538 aEC e a luta pela restauração da comunidade judaica em Jerusalém. Encontramos também o registro da revolta dos Macabeus contra os Selêucidas (166-160 aEC) até a primeira e segunda revoltas judaicas (66-73 EC e 132-135 EC). Os autores situam a história em um período de crise no passado para mostrar o livramento de Deus naquela situação, trazendo inspiração e esperança para vivenciar uma crise do presente. “Estes eventos, que funcionam como arquétipos para sobrevivência e prática da religião em tempos de crise, oferecem inspiração e conforto durante a perseguição infligida por Antioco IV Epifânio (168 aEC) e a destruição de Jerusalém por Roma (70 aEC)¹⁸.” (Toni CRAVEN apud Carol MEYERS, 2000, p.50) Podemos, portanto, perceber que os livros deuterocanônicos/apócrifos do gênero nacionalista, assim como do gênero apocalíptico, adquirem para o povo judeu no exílio e posteriormente para o povo judeu sob o domínio romano, um valor curativo. Suas histórias se tornam mitos, no sentido de histórias sagradas e fundantes para a fé deste povo, adquirindo uma eficácia simbólica onde “os problemas preocupantes do presente são ‘mediados’ e ocultados e, assim, são superados pela sobreposição do mito” (John COLLINS, 2010, p.86-87). As histórias das personagens femininas tornam-se referenciais de fé na aliança do povo judeu com Deus e na confiança em sua proteção. A coragem e ousadia demonstrada por estas mulheres revigora a religiosidade judaica e prepara os indivíduos

¹⁸ “These events, which function as archetypes for survival and faithful practice of religion in times of trial, offered inspiration and comfort during the religious persecution inflicted by the Seleucid ruler Antiochus IV Epiphanes (168 B.C.E.) and the Roman destruction of Jerusalem (70 C.E.).”



de ambos os gêneros para resistir ao helenismo e para o martírio.

Os livros deuterocanônicos/apócrifos continuamente referem-se aos padrões religiosos defendidos no retorno do exílio visando a restauração da comunidade judaica numa busca por pureza cultural e étnica: a guarda do sábado, a circuncisão, a recusa da exogamia, restrições alimentares e a recusa da idolatria. A preocupação por Jerusalém e pelo templo são frequentemente expressas. As mulheres representadas nestes livros são fortes defensoras da religiosidade judaica, mantendo estes padrões apesar de muitas vezes sob a ameaça de morte.

Podemos encontrar personagens femininas nomeadas, anônimas ou representativas em quinze dos dezoito livros deuterocanônicos/apócrifos. Elas estão ausentes apenas nos livros: A Oração de Manasés, Salmo 151 e Oração dos Três Jovens. Entre as mulheres nomeadas representadas encontramos mulheres de origem judaica bem como de origem estrangeira. As qualidades ressaltadas destas mulheres são sempre destacadas em relação à liderança e influência perante os governantes e o povo. As mulheres judias são especialmente exaltadas pelo seu relacionamento com Deus e a prática de orações. As mulheres anônimas participam das histórias ativamente seja como coadjuvantes como a criada de Judite ou as criadas de Ester e Susana, seja como personagem principal, como a mãe-mártir de sete filhos e até mesmo fazendo parte de grupos de mulheres que celebram a vitória de Judite ou que suplicam a Deus pela proteção ao templo. Mulheres anônimas, israelitas ou não, aparecem em todos os livros como membras da comunidade, noivas, viúvas, esposas, mães, filhas, amas, servas, prostitutas e sacerdotisas. Em muitos textos de Sabedoria de Salomão e Ben Sira, vemos a sabedoria com características femininas, representada ora como mãe, ora como esposa, ou amante. O próprio Deus é representado em 4 Esdras e Baruc como uma mãe, uma ama e até mesmo uma galinha com seus pintinhos. Em Tobite, 1 Macabeus, Baruc e 4 Esdras Jerusalém é representada ora como uma mãe ora como uma viúva. Em 4 Esdras a justiça e a impiedade da Terra, Sião, Babilônia e Ásia são também personificadas no feminino.

Três dos livros deuterocanônicos/apócrifos recebem como título o nome de mulheres que são modelos de coragem e confiança na aliança



com Deus em tempos de crise: Judite, Ester e Susana. Devido a este destaque podemos encontrar diversos estudos acadêmicos voltados à análise destas três personagens na área da crítica textual (Robin BRANCH, 2009; Joseph BRUYN, 2015; Sidnie CRAWFORD, 2002; S. M. DE BEER, 2021; Noah HACHAM, 2007; Etká LIEBOWITZ, 2012; John LINCH, 2022; G. STEYN, 2008), da linguística (Risimati HOBYANE, 2015, 2018) e da terapêutica (Pierre JORDAAN, 2008). Mas a riqueza das personagens femininas nos livros deuterocanônicos/apócrifos ultrapassa em muito a história destas três mulheres, havendo ainda muito a ser estudado e revelado. A figura 2 resume as personagens principais encontradas nos livros deuterocanônicos/apócrifos com sua principal área de atuação.

| LIVRO | TEXTO | PERSONAGEM | ORIGEM | AÇÃO PRINCIPAL |
|------------|-----------------------------|-------------------------------|-----------|--|
| 3 Esdras | 3 Esdras 5.8 | Augia | Gileadita | Mãe de sacerdotes no exílio |
| | 3 Esdras 4.29-31 | Apame | Persa (?) | Concubina, influência sobre o rei |
| Ester | Ester 2-10 | Ester | Judaica | Rainha, influência sobre o rei, defesa do povo judeu |
| | Ester 1 | Vasti | Persa | Rainha, recusa ser objeto sexual |
| | Ester 5.10,14 e 6.13 | Zeres | Persa | Esposa, influência sobre Hamã |
| Tobite | Tobite 1.8 | Débora | Judaica | Avó, ensino da Torah a Tobite |
| | Tobite 1-2, 4-6,10-11,14.12 | Ana | Judaica | Esposa, mãe e provedora da casa |
| | Tobite 3, 6-8, 10-12 | Sara | Judaica | Filha, esposa, piedade e oração |
| | Tobite 7-8,10, 14.13 | Edna | Judaica | Esposa, liderança compartilhada |
| Judite | Judite 8-16 | Judite | Judaica | Viúva, liderança, defesa do povo |
| 1 Macabeus | 1 Mac 1.60-63 | Mães com filhos circuncidados | Judaica | Mãe, preservação da religiosidade |



| LIVRO | TEXTO | PERSONAGEM | ORIGEM | AÇÃO PRINCIPAL |
|------------|----------------------|----------------------------------|---------|---|
| 2 Macabeus | 2 Macabeus 6.10 | Mães com filhos circuncidados | Judaica | Mãe, preservação da religiosidade |
| | 2 Macabeus 7.1-42 | Mãe-mártir com 7 filhos | Judaica | Mãe, ensino, preservação da religiosidade |
| | 2 Macabeus 3.19-20 | Mulheres suplicantes | Judaica | Virgens, noivas, esposas, mães, proteção do Templo. |
| 3 Macabeus | 3 Macabeus 1.1-4 | Arsinoé III | Egípcia | Rainha, liderança, defesa do povo |
| | 3 Macabeus 1.18-20 | Mulheres suplicantes | Judaica | Virgens, noivas, esposas, mães, proteção do Templo. |
| | 3 Macabeus 6.18 | Mulheres que enfrentam elefantes | Judaica | Virgens, mães, defesa do povo judeu. |
| 4 Macabeus | 4 Macabeus 4.24-26 | Mãe com filhos circuncidados | Judaica | Mães, preservação da religiosidade |
| | 4 Macabeus 1.8,10-18 | Mãe-mártir com 7 filhos | Judaica | Mãe, preservação da religiosidade |
| Susana | Daniel 13 | Susana | Judaica | Esposa, castidade, oração. |

Figura 2: Personagens femininas principais nos deuterocanônicos/apócrifos. (autoria própria).

Quando observamos atentamente as mulheres destacadas na figura 2, percebemos que não só diversas posições sociais estão representadas como também todas as fases da vida de uma mulher: jovens virgens, noivas, esposas, mães e viúvas. Os textos de 2 e 3 Macabeus que tratam sobre o mesmo evento, mostram o envolvimento de mulheres suplicantes anônimas em estágios diferentes da vida que, contrariando as normas patriarcais, deixam suas casas e correm ao Templo para se juntar em oração contra a possível invasão do mesmo por Ptolomeu IV. A mesma ênfase nas fases de fertilidade potencial e atual (virgens e mães) pode ser observada em outra breve referência a atuação corajosa de mulheres perante Ptolomeu IV, que nesta situação teria prendido diversos judeus condenando-os a ser pisoteados por elefantes. Frente a esta situação de perigo, algumas mulheres anônimas se colocam ao chão entre os elefantes e o povo clamando pela misericórdia divina, sendo prontamente atendidas com a manifestação de um anjo. Nestas mulheres anônimas suplicantes e que enfrentaram elefantes está repre-



sentada a preservação do povo judaico, pela sua fecundidade potencial (virgens, noivas e esposas) e atual (mães).

Observa-se uma ênfase simbólica nos textos para a importância das mulheres como procriadoras, em especial entre as anônimas. Digno de nota é o fato que não há registro de que Ester e Judite tenham tido filhos, desvinculando a sua vitória e sua importância para o povo judeu do padrão esperado para uma mulher segundo o senso comum.

O importante papel feminino no ensino moral e religioso aos filhos também é destacado em diversas histórias nos livros deuterocanônicos/apócrifos. Dentre as muitas mães representadas, destaca-se Débora, que como sua homônima do livro de Juízes¹⁹, desempenha uma função tradicionalmente vista como masculina. A literatura rabínica posterior enfatizou muitas vezes que era proibido às mulheres a leitura e o estudo da Torah (Talmud de Jerusalém – Sotah 3.4, Sotah 2a; Talmud Babilônico Yoma 66b²⁰) o que levou estudiosos a crer que isto era o padrão único estabelecido. Há de se lembrar, porém que as leis existem para o controle de ações indesejadas. Se há uma proibição criada é porque o ato a se proibir existia, de alguma forma. Tanto que a mesma literatura rabínica posterior aos deuterocanônicos/apócrifos preservou a importante referência a “... Berurya, esposa do rabino Meir e filha do rabino Zananaya ben Teradyon, era tão perspicaz e tinha uma memória tão boa que aprendeu trezentas halakhot em um dia ...” (Talmud Babilônico Pesachim 62b). Berurya é, em diversos textos do Talmud, reconhecida como erudita da Torah, conselheira e professora de rabinos, citada como modelo para os que estudam o Talmud. Débora pode não ter adquirido todo o conhecimento erudito de Berurya, mas tem o suficiente para ensinar ao neto as práticas judaicas de piedade que o destacam em todo o livro. O fato desta referência aparecer sem muito destaque pode nos indicar que a ação de Débora como preceptora da Torah talvez não fosse tão incomum como as tradições posteriores nos fazem acreditar.

O fato é que as mães nos livros deuterocanônicos/apócrifos tem destaque na continuidade biológica, mas também na preservação da religiosidade do povo. Em especial, destaca-se a mãe anônima mártir

¹⁹ Juízes 4 e 5.

²⁰ Disponível em: <https://www.sefaria.org/texts> acesso em 04/09/2023.



com sete filhos, cuja história aparece nos livros de 2 e 4 Macabeus. Nestes textos, Antioco IV procura forçar os filhos de uma viúva a comerem carne sacrificada aos ídolos. A mãe, idosa, vê cada um dos filhos ser cruelmente martirizado por negar-se a cometer tal ato, após o que ela mesma se sacrifica jogando-se numa fornalha, para evitar ser violentada. O relato, que em 4 Macabeus ocupa quatorze capítulos, enfatiza sempre o fato de a mãe ter ensinado aos filhos não só os padrões religiosos pós-exílicos como lhe impingido a força para mantê-los frente ao martírio. A coragem da mãe ao enfrentar a morte dos filhos enquanto os exorta a permanecer fiéis à religiosidade judaica é registrada nos dois livros como sendo comparável e até mesmo superior a dos homens. Sendo os autores dos textos judeus helenizados, trazem consigo a noção grega de que a coragem é uma virtude masculina, mas apesar disto, a atribuem a uma mulher.

Dentre as mulheres destacadas pelo papel de mãe há o interessante registro dos filhos de Augia, a gileadita, com Jardus, levita, que apesar de terem sido criados para exercer o sacerdócio, por serem frutos de uma exogamia, foram impedidos de assumir suas funções no retorno do exílio devido às regras de pureza étnica impostas por Esdras e Neemias. A recusa dos casamentos mistos é uma das fortes ênfases observadas nas histórias do livro de Tobite.

Nos livros deuterocanônicos/apócrifos de Tobite, Judite, Susana e 3 Macabeus as mulheres nomeadas participam em todas as esferas de ação política, econômica e social: são rainhas (Vasti, Ester e Arsinoé), guerreiras (Arsinoé e Judite), profissionais liberais (Ana), profissionais “do lar” (Débora, Edna, Sara, Zeres), órfãs (Ester), viúvas (Judite) e esposas (Ana, Edna, Sara, Susana). Ester, Vasti, Judite e Susana têm ressaltadas sua beleza que atraí os homens. Elas a usam para cumprir com seus propósitos. A Ester dos acréscimos gregos, diferentemente do texto hebraico²¹, ora a Deus, se ressentido do casamento exogâmico contraído com Xerxes I e declara se abster de comidas não judaicas. Esta sua atitude parece sobrepôr-se ao fato de que usa de mentiras e

²¹ O texto Hebraico de Ester não traz o nome de Deus em nenhuma parte, registra apenas a prática do jejum por Ester, que pratica uma exogamia com Xerxes I e vive na corte escondendo sua identidade étnica.



da sedução para atingir o fim desejado: a preservação do povo judeu. Judite²², que chega a pedir a benção divina para as mentiras que usaria para seduzir e matar o general Holofernes, também parece ter esta ação minimizada pelas suas práticas judaicas de restrição alimentar, banhos rituais e orações, sendo “bendita entre as mulheres”. Zeres e Arsinoé unem-se a Ester e a Judite por suas habilidades estrategistas em uma crise, seja pessoal ou de um povo. Enfim, os livros deuterocanônicos/apócrifos apresentam mulheres com características positivas e negativas. Mas mesmo as qualidades tidas como negativas, como mentira, engano, vaidade, sedução e violência, são positivadas à medida em que contribuem para o bem do povo ao qual estas mulheres pertencem.

A disposição para o martírio de Susana, da mãe com sete filhos e das mães com os filhos circuncidados será uma das inspirações para muitas das mulheres mártires dos séculos I-IV, muitas das quais se sacrificaram para preservar sua virgindade, castidade ou para defender sua fé. Virgindade e castidade serão temas debatidos também pelos pais da igreja a partir da história de Sara e Tobias, desvinculando-se a sexualidade do prazer.

Por fim, Apame, a concubina do rei Dario, é utilizada por Zorobabel²³ no livro de 2 Esdras como exemplo para mostrar o poder das mulheres sobre os homens em um discurso anti-misógino, com o qual recebe do rei a permissão para o retorno do povo judeu a Jerusalém.

OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS/APÓCRIFOS E A LIDERANÇA FEMININA NA IGREJA

É curioso observar que o livro de 2 Esdras é composto basicamente da junção dos textos de Esdras e Neemias com apenas uma diferença: o discurso anti-misógino de Zorobabel, que tão claramente se opõe à compreensão do feminino no retorno do exílio. A presença deste

²² Digno de nota é o fato de Judite apresentar a maior genealogia entre as mulheres bíblicas, com dezesseis antepassados, contrariando a ideia popular de que as mulheres não possuem importância genealógica para os judeus. Para mais informações sobre as mulheres nas genealogias bíblicas, veja: RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Antropologia Bíblica: ferramenta eficaz para a compreensão da Bíblia - Revista Teológica SPS vol 74 n.2, p. 22-38, 2021.

²³ Zorobabel liderou o retorno do primeiro grupo de israelitas do exílio babilônico para Jerusalém em 537 aEC e foi responsável pela edificação dos alicerces do Templo (Esdras 3:8-10).



discurso de Zorobabel em Esdras 2 e sua ausência no texto hebraico de Esdras-Neemias é uma das evidências de que estes textos trazem perspectivas diferentes dos autores em relação às mulheres.

Quando analisamos os livros deuterocanônicos/apócrifos em relação à origem geográfica de seus autores, percebemos que apenas três apresentam autoria judaica sediada em Jerusalém: 1 Macabeus, Ben Sira e a Epístola de Jeremias, enquanto os demais são oriundos de autores judeus da diáspora, situados principalmente em Alexandria e arredores, com exceção de 4 Macabeus, que é tido como originário de Antioquia, na Síria (Carol MEYERS, 2000). Os livros originários da região de Jerusalém são mais conservadores em relação à liderança feminina, bem como às ideias relacionadas à mulher e ao pecado. Isto corresponde à deterioração na visão acerca da mulher, que se torna manifesta no período pós-exílico e que irá se sedimentar posteriormente nos escritos rabínicos.

É o que podemos perceber no livro de Ben Sira e na Epístola de Jeremias, que ilustram bem o pensamento rabínico acerca da mulher como origem e referencial do mal, contrapondo-se radicalmente aos demais livros deuterocanônicos/apócrifos, que preservaram histórias de mulheres valorizadas pela sua fé, coragem e devoção a Deus.

O livro de Ben Sira, ou Eclesiástico, traz em si a informação de ter sido escrito por um judeu de Jerusalém chamado Jesus Ben Eleazar Ben Sira por volta de 180 aEC e traduzido para o grego por seu neto no Egito algum tempo depois de 132 EC. O livro é uma coleção de ditos e conselhos de um pai a um filho em especial com relação ao cuidado que se deve ter com as mulheres: “Não tenha intimidades com mulheres, porque, assim como das roupas sai a traça, assim da mulher, a malícia feminina. Menos dano te causará a malvadez de um homem do que a bondade de uma mulher” (Bíblia, Ben Sira 42.12-13). Ben Sira também fornece a mais antiga interpretação da culpa da mulher pelo pecado original justificando as medidas a serem tomadas contra uma esposa desobediente com a afirmação de que “Foi pela mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos” (Bíblia, Ben Sira 25.24).

A Epístola de Jeremias, que pode ser encontrada como o capítulo 6 de Baruc nas Bíblias católicas, é um texto pseudoepígrafo que faz uma



sátira à idolatria babilônica. Neste texto destacam-se diversas representações femininas sempre de forma negativa: uma jovem com joias, prostitutas de bordéis, mulheres dos sacerdotes, mulheres menstruadas que deram à luz, sacerdotisas e prostitutas sagradas. A depravação das mulheres é usada como uma metáfora à depravação da religião no exílio. O autor traça um verdadeiro ataque a diversos tipos de mulheres na Babilônia, incluindo as judias, representadas pelas esposas dos sacerdotes.

O livro de 1 Macabeus dá pouquíssimo destaque às mulheres apresentando apenas um caso de destaque acerca das mulheres que são martirizadas por manter a prática de circuncidar os filhos após esta ser proibida por Antíoco IV.

Por outro lado, os demais livros deuterocanônicos/apócrifos compostos nas áreas de diáspora apresentam uma visão positiva sobre a mulher, trazendo histórias que enfatizam exemplos de liderança em tempos de crise e de atitudes de fé e piedade. Esta visão positiva da mulher coaduna com a existência de uma abertura muito maior à atuação feminina na religiosidade judaica nas regiões da diáspora. Escavações arqueológicas já identificaram inscrições com nomes de trinta e uma mulheres relacionadas a cargos de liderança em inscrições em antigas sinagogas na Ásia Menor e em Leontópolis; no Egito foi encontrado um túmulo de uma judia identificada como “Marin, a sacerdotisa”, datada de 28 aEC (Isabel GÓMEZ-ACEBO, 2005, p.55). Entre as designações encontradas junto aos nomes de mulheres está a *archisynagogos* (presidente da sinagoga) cujas tarefas administrativas e funções culturais incluíam especialmente a supervisão da ordem do serviço religioso (Michael TILLY; Wolfgang ZWICKEL, 2020,193).

Como os livros deuterocanônicos/apócrifos circulavam livremente entre as comunidades judaicas na versão da Septuaginta, tanto em Jerusalém como nas regiões da diáspora, é de se pensar que a leitura das histórias das suas heroínas de fé as tenha influenciado de alguma forma. Os primeiros cristãos em sua grande maioria eram judeus convertidos que, em Atos 6.1, são classificados em hebreus e helenistas, sendo os primeiros de origem judaica na Palestina e os segundos de origem judaica da diáspora. Não é de se estranhar que estas duas divisões tão demarcadas também se mostrassem quanto aos padrões já



estabelecidos em suas sinagogas quanto às mulheres, fato destacado no texto. A interpretação tradicional de Atos 6.1 atribui às viúvas helenistas uma condição de necessidade econômica, algo que está dentro da concepção da lei judaica sobre o cuidado às viúvas. Mas no século I, sob o domínio greco-romano, algumas viúvas, à semelhança de Judite, eram autossuficientes, vivendo de sua herança ou de suas atividades econômicas (Lucinda BROWN in Carol MEYERS, 2000, p.917). Estas viúvas pertencentes à comunidade cristã atuavam formando o que se chamou de ordem das viúvas (Sandro da COSTA, 2021). Elisabeth Fiorenza sugere que os helenistas veriam com naturalidade a participação feminina na distribuição eucarística a ser exercida pela ordem das viúvas, o que teria gerado uma tensão quando passaram a cultuar junto aos judeus hebreus, que possuíam outras expectativas sobre a participação feminina no culto. (Elisabeth FIORENZA, 1989, p.212).

Enquanto na região de Jerusalém a liderança oficialmente estabelecida foi masculina, representada inicialmente pelos Apóstolos Pedro e Tiago, nas regiões da Ásia Menor e Mediterrâneo observamos a formação de igrejas pelo Apóstolo Paulo colocadas sob a liderança de mulheres como Lídia, Priscila, Chloé e Febe. Tilly e Zwickel observam que “as mulheres nas comunidades cristãs primitivas – em meio a uma sociedade antiga marcada por uma estrutura patriarcal – puderam, inicialmente, assumir posições importantes” (Michael TILLY; Wolfgang ZWICKEL, 2020,221). Assim, podemos intuir que nas primeiras comunidades cristãs fundadas por Paulo, em áreas helenizadas e com maior aceitação da Septuaginta, as mulheres tiveram lugar de liderança e responsabilidade sendo investidas da autoridade de falar em público, coordenar a vida comunitária e de ter um protagonismo que, entretanto, lhes viria a ser negado posteriormente (Lidice RIBEIRO, 2020, p.82). Até o século IV, a igreja contaria com a ordem das viúvas, diaconisas e das virgens consagradas. À medida que a Igreja foi se hierarquizando o papel de liderança feminina foi diminuindo, principalmente na igreja do Ocidente, limitando a atuação feminina aos conventos e mosteiros.

Curiosamente, na Igreja do Oriente, onde mais textos deuteroacanônicos/apócrifos fazem parte dos cânones bíblicos adotados, algumas destas experiências resistiram por um longo tempo. As diaconisas per-



maneceram ativas na Igreja Ortodoxa até o período Bizantino, embora após esta época ainda tenham se registrado a ordenação de algumas mulheres para a função, até que em 2017 o Patriarca da Igreja Ortodoxa Copta de Alexandria, Theodoros II, restabeleceu a ordem (Cipriano VAGAGGINI, 2013). Além do diaconato, as mulheres ainda atuam na catequese e participam dos conselhos paroquiais e diocesanos sendo em alguns casos, membros da assembleia diocesana que elege o bispo. Recentemente, tem-se dado mais atenção às diferentes experiências femininas no cristianismo ortodoxo seja em papéis oficiais litúrgicos (freiras, leitoras e cantoras) como agentes não litúrgicos (professoras, contadoras, secretárias, relações públicas). (MERDJANOVA, Ina, 2021)

Já na igreja Ocidental dividida entre Católicos Romanos e Protestantes onde apenas o primeiro grupo conserva em sua Bíblia os deuterocanônicos/apócrifos, observa-se ainda diferenças visíveis sobre as percepções acerca da liderança feminina. Temos ultimamente visto a Igreja Católica a passos tímidos sob a condução do Papa Francisco retomar um processo iniciado por João Paulo II na publicação da carta apostólica *Mulieris Dignitatem* em 1988. Francisco tem constantemente se referido à importância da mulher para a Igreja, nomeando várias mulheres para lugares de responsabilidade em diferentes estruturas da Santa Sé e instituiu uma comissão para estudar o diaconato feminino. Recentemente o Vaticano publicou o *Istrumentum Laboris* que orientará os debates no Sinodo sobre a Sinodalidade em outubro de 2023, que inclui a questão da retomada da ordenação de diaconisas²⁴.

Por outro lado, nas igrejas Protestantes formadas após a Reforma do século XVI, embora Lutero tenha defendido a possibilidade de ministério feminino tendo por base Maria Madalena (Susan KARANT-NUNN; Merry WIESNER-HANKS, 2003, p.83), este acabou por não se desenvolver oficialmente. Apenas no século XX as igrejas luterana, anglicana e metodista passaram a ter de forma paulatina diaconisas, presbíteras, pastoras e eventuais bispas. Os presbiterianos se dividem entre aqueles que aceitam a ordenação de diaconisas, presbíteras e pastoras e aqueles que não admitem nenhum tipo de liderança feminina. Atualmente

²⁴ Disponível em: <https://setemargens.com/mulheres-diaconos-o-processo-sinodal-e-a-ordenacao-de-mulheres/> acesso em 06/09/2023.



nestas igrejas a questão da liderança feminina é tão fragmentada como o próprio protestantismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os livros deuterocanônicos/apócrifos foram largamente conhecidos e utilizados tanto por judeus como por cristãos no primeiro século, devido à sua presença na Septuaginta. As histórias das mulheres nomeadas e anônimas eram, portanto, conhecidas e capazes de influenciar as percepções das comunidades sobre o papel e atuação da mulher. Apesar de não poderem ser considerados como livros históricos, estes livros ajudam-nos a compreender algumas das questões sociais do período intertestamentário, em especial com relação à vida em família e em comunidade na diáspora. Neles observa-se a valorização da mulher como guardiã dos valores religiosos que se espelhará na presença de liderança feminina nas sinagogas da diáspora e nas primeiras igrejas formadas por Paulo. A presença de mulheres agindo em diversas áreas, tanto na esfera privada (do lar) como na esfera pública (reinado, guerras, comércio) mostra como sua atuação no período intertestamentário não se restringia apenas à casa. Esta característica será também observada na igreja primitiva onde mulheres como Madalena, Choé e Lídia tiveram atuação marcante sustentando financeiramente a igreja e ainda nos exemplos de Priscila, Evódia e Sintique que atuaram diretamente a liderança das primeiras comunidades cristãs. Os exemplos das mulheres presentes nos livros deuterocanônicos/apócrifos foram fonte de inspiração para muitas das doutrinas da Igreja e em especial para a Teologia do Martírio que fortaleceu a fé de judeus e cristãos na resistência às perseguições religiosas.

Uma comparação dos dezoito textos quanto a sua origem geográfica pode nos dar pistas sobre as diferenças dos papéis femininos no judaísmo e cristianismo primitivo, pois os textos escritos nas áreas de diáspora judaica demonstram uma posição mais positiva em relação à mulher, enquanto os textos com origem na Palestina são claramente mais conservadores. Desta forma, podemos intuir que a seleção dos textos para a composição dos diferentes cânones bíblicos pode ter tido uma grande influência nas questões acerca de participação e liderança feminina nas comunidades judaicas e cristãs.



A diferença entre os cânones da Igreja do Ocidente e do Oriente revela como a escolha dos textos atendeu não apenas questões teológicas, mas também culturais e políticas. A aceitação destes livros no cânon da Igreja do Oriente pode estar relacionada à naturalidade com que as mulheres exerceram liderança nas sinagogas e igrejas desta região enquanto no Ocidente, as mulheres foram tendo seu papel reduzido após a segunda metade do primeiro século. Apesar disto, as histórias das mulheres nos livros deuterocanônicos/apócrifos por anos inspiraram tanto Católicos como Protestantes, sendo até mesmo retratadas pelos artistas das duas vertentes cristãs. Porém, tendo o protestantismo se formado de forma contrastante ao catolicismo, o reconhecimento pelo Concílio de Trento dos livros deuterocanônicos/apócrifos como inspirados acabou por causar a sua retirada definitiva da Bíblia Protestante. Da mesma forma, as mulheres foram retiradas de qualquer participação na liderança oficial destas igrejas em seus primeiros séculos. Cabe lembrar que os Protestantes adotaram o texto massorético para sua versão oficial do Antigo Testamento que apresenta a visão judaica tradicional de Jerusalém quanto às mulheres.

A relação entre presença e ausência dos livros deuterocanônicos/apócrifos em um cânone eclesiástico com a presença e ausência de liderança feminina nesta igreja é muito clara para ser desprezada. Este artigo levanta “a ponta do véu”. Fica, porém patente que embora as histórias destas mulheres anônimas e nomeadas tenham sido esquecidas e mesmo silenciadas em algumas Bíblias, o eco de suas vozes ainda se faz ouvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTENSON, Henry. Documentos da Igreja Cristã. São Paulo: ASTE/Simpósio, 1998.
- BÍBLIA Sagrada. Edição dos capuchinhos. Fátima: Difusora Bíblica, 2015.
- BRANCH, Robin Gallaher; JORDAAN, Pierre. The significance of secondary characters ins Susanna, Judith and the additions to Esther in the Septuagint. *Acta Patristica et Byzantina* no 20, pp. 389-416, 2009.
- BRUYN, Joseph Jacobus de. Susanna – framing the minds and views of people. *Journal for Semitics* 24/2, pp. 594-612, 2015.



- CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*, volume 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica – Uma Introdução à Literatura Apocalíptica Judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- COSTA, Sandro Roberto da Costa. *A Ordem das Viúvas ontem e hoje - Análise histórica, evolução, conceitos*. Grande Sinal: Revista de Espiritualidade e Pastoral, vol. 75, n. 01, p. 131-146, Jan./Jun. 2021.
- COUSIN, Hugues. *A Bíblia Grega – A Setenta*. Cadernos Bíblicos 89. Fátima: Difusora Bíblica, 2005.
- CRAWFORD, Sidnie White. *Esther not Judith: Why One Made It and the Other Didn't*. Bible Review 18, pp. 22–31, 45, 2002.
- DE BEER, S.M., 'The "coming-out" of a hero: The character of Esther in LXX-Esther Revisited'. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, 77(4), 2021.
- FIORINZA, Elisabeth Schüssler. *En Memoria de Ella - Una reconstrucción teológico-feminista de los orígenes del cristianismo*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1989.
- GILLES, Dorival. *The Septuagint from Alexandria to Constantinople - Canon, New Testament, Church Fathers, Catena*. Oxford University Press, 2021.
- GÓMEZ-ACEBO, Isabel (Ed.). *La mujer en los orígenes del cristianismo*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2005.
- HACHAM, Noah. *3 Maccabees and Esther: Parallels, Intertextuality, and Diaspora Identity*. JBL 126, no. 4, pp.765–785, 2007.
- HOBYANE, Risimati S. *Actantial model of Judith, A Key to Unlocking its Possible Purpose: A Greimassian Contribution*. OTE 28/2, pp. 371-394, 2015.
- HOBYANE, Risimati S.; KANONGE, Dickh M.; JORDAAN, Pierre. *Gender and leadership in Judith: A Greimassian contribution*. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies* 74(3), pp.1-9, 2018.
- JORDAAN, Pierre J. *Reading Susanna as a therapeutic narrative*. *Journal for Semitics* 17/1, pp. 114-128, 2008.
- KARANT-NUNN, Susan C.; WIESNER-HANKS, Merry E. *Luther on Women - A Sourcebook*. New York: Cambridge University Press, 2003.
- LIEBOWITZ, Etká. *Esther and Alexandra: Paradigms of Queenship in the Septuagint and in Josephus' Writings*. *Lectio difficilior*, 1, pp. 1-15, 2012.
- LINCH, John J. (2022). *Judith, Sarah and Esther – jewish heroines*. Domuni Press.
- MERDJANOVA, Ina, ed. *Women and Religiosity in Orthodox Christianity*. 1st ed. Fordham University Press, 2021.
- MEYERS, Carol. *Women in Scripture – A Dictionary of Named and Unnamed Women in the Hebrew Bible, the Apocryphal/Deuterocanonical Books and the New Testament*. New York: Houghton Mifflin Company, 2000.



- PAUL, André. Intertestamento. Cadernos Bíblicos 25. Fátima: Difusora Bíblica, 1989.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. A Mulher na Literatura Apocalíptica Judaica e Cristã. Mandrágora, v.29, n. 1, p. 25-54, 2023.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O Papel das Mulheres na Bíblia: Protagonistas ou Coadjuvantes?. Ad Aeternum, v. 1, pp. 68-85, 2020.
- ROBERTSON-SMITH, William. The Old Testament in the Jewish Church. New York: D. Appleton and Company, 1901.
- SALNIER, Christiane. A Crise do Tempo dos Macabeus. Cadernos Bíblicos 109, Fátima: Difusora Bíblica, 2011.
- STEYN, G.J. “Beautiful but tough” a comparison of LXX Esther, Judith and Susanna. Journal for Semitics 17/1, pp. 156-181, 2008.
- TILLY, Michael; ZWICKEL, Wolfgang. A História Religiosa de Israel – desde a pré-história até os primórdios do cristianismo. São Paulo: Loyola, 2020.
- VAGAGGINI, Cipriano. Ordination of Women to the Diaconate in the Eastern Churches. Minnessota: Liturgical Press, 2013.

Submetido em: 3/4/2024

Aceito em: 13/5/2024